

Observações críticas sobre as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil – 2019-2023

Manoel José de Godoy¹

As observações que seguem querem ajudar no processo de recepção das DGAE por nossas Igrejas Locais, sobretudo na produção dos seus planos de pastoral ou projetos de evangelização. Começamos pelo conceito de recepção.

“Recepção é o processo pelo qual um corpo torna sua uma verdade, uma determinação que não se deu a si mesmo, reconhecendo que a medida promulgada é uma regra que convém à sua vida. A recepção é mais do que obediência. É uma contribuição própria de consentimento, eventualmente de juízo, na qual se expressa a vida de um corpo que exerce suas capacidades espirituais”.²

As Diretrizes entram no processo de recepção do Concílio Vaticano II na história pastoral da Igreja no Brasil. Começamos com o Plano de Pastoral de Conjunto (1966-1970), passamos para as Diretrizes Pastorais (1975-1994), depois para as Diretrizes da Ação Evangelizadora (1975...). Agora, com as DGAE (2019-2023), os bispos do Brasil traduziram as coordenadas do Concílio em pontos concretos:

1. Serviram-se da atenção aos Sinais dos Tempos (GS 11) para acentuar que a realidade urbana é o grande desafio pastoral de hoje.

2. Os quatro pilares encontram seu fundamento nas grandes constituições do Concílio: *Lumen Gentium*, *Dei Verbum*, *Gaudium et Spes*, *Sacrosanctum Concilium* e no Decreto *Ad Gentes*.

3. Atualizam as leituras destes documentos à luz do Magistério do Papa Francisco: *Evangelii Gaudium*, *Laudato Sí*, *Gaudete et Exsultate*, *Misericordiae Vultus*, *Amoris Laetitia*, *Christus Vivit*...

1 Síntese das Diretrizes

Objetivo Geral

EVANGELIZAR no Brasil cada vez mais urbano, pelo anúncio da Palavra de Deus,

1 Mestre em teologia. Professor de teologia pastoral na Faculdade Jesuíta. Membro de Ameríndia

2 Y. CONGAR, “La réception comme réalité ecclésiologique” (*Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques* 56, 1972, 369-403), 370.

formando discípulos e discípulas de Jesus Cristo, em *comunidades eclesiais missionárias*, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, cuidando da Casa Comum e testemunhando o Reino de Deus rumo à plenitude.

Sumário

Introdução

Capítulo 1: O anúncio do Evangelho de Jesus Cristo

Capítulo 2: Olhar de discípulos missionários

Capítulo 3: A Igreja nas casas

Capítulo 4: A Igreja em missão

Conclusão

Na introdução, os bispos assim se expressam:

Avançando no processo das DGAE, especialmente diante da cultura urbana, cada vez mais abrangente, as DGAE 2019-2023 estão estruturadas a partir da imagem da comunidade cristã como “casa”, “construção de Deus” (1Cor 3,9). No centro, como eixo, está a *Comunidade Eclesial Missionária*, sustentada por “quatro pilares”: Palavra, Pão, Caridade e Missão. Em cada um deles, as antigas urgências são reagrupadas e permanecem mostrando sua atualidade:

Pilar 1: Palavra – Iniciação à Vida Cristã e Animação Bíblica;

Pilar 2: Pão - Liturgia e espiritualidade;

Pilar 3: Caridade - Serviço à vida plena;

Pilar 4: Missão - estado permanente.

Como metodologia, os bispos se serviram da metáfora da casa, entendida da seguinte maneira:

Casa, entendida como “lar” para os seus habitantes, acentua as perspectivas pessoal, comunitária e social da evangelização, inserindo, no espírito da *Laudato Si*, a perspectiva ambiental.

“Criar ‘lar’ é, em última análise, ‘criar família; é aprender a sentir-se unido aos outros, sem olhar a vínculos utilitaristas ou funcionais, unidos de modo a sentir a vida um pouco

mais humana.

Criar lares, 'casas de comunhão', é permitir que a profecia encarne e torne as nossas horas e dias menos rudes, menos indiferentes e anônimos. É criar laços que se constroem com gestos simples, diários e que todos podemos realizar.

Como todos sabemos muito bem, um lar precisa da colaboração de todos. Ninguém pode ficar indiferente ou alheio, porque cada qual é uma pedra necessária na sua construção. Isto implica pedir ao Senhor que nos conceda a graça de aprender a ter paciência, aprender a perdoar-nos; aprender cada dia a recomeçar”.

Casa é aqui a imagem que se pode pensar de maior proximidade às pessoas, ao lugar onde vivem, mesmo àquelas que só têm a rua como casa.

Ela indica a proximidade relacional entre as pessoas que ali convivem. Indica igualmente a necessidade da Igreja se fazer cada vez mais presente nos locais onde as pessoas estão, seja onde for.

Essa casa é a comunidade eclesial missionária. Suas portas estão continuamente abertas para o duplo movimento permanente: entrar e sair. São portas que acolhem os que chegam para partilhar suas alegrias e sanar suas dores. Estão igualmente abertas para sair em missão, anunciando Jesus Cristo e seu Reino, indo ao encontro do outro, especialmente dos pobres e sofredores.

Em tudo isto, o rosto de misericórdia do Cristo Senhor é manifestado. Assim, missão e comunidade são como dois lados da mesma moeda. A comunidade eclesial autêntica é, necessariamente, missionária e toda missão se alicerça na vida de comunidade e tende a gerar novas comunidades.

Capítulo 1

O anúncio do Evangelho de Jesus Cristo

- 1.1. Fidelidade a Jesus Cristo, Missionário do Pai
- 1.2. Igreja: Comunidade de discípulos missionários de Jesus Cristo
- 1.3. Missão: anúncio que se traduz em palavras e gestos
- 1.4. Cultura urbana: desafio à missão
- 1.5. Comunidades eclesiais missionárias no contexto urbano

Capítulo 2

Olhar de discípulos missionários

- 2.1. Contemplar para sair em missão em um mundo que se transforma
- 2.2. Uma *cidade* onde Deus habita
- 2.3. A vida na grande *cidade mundial*
- 2.4. O Senhor está no meio de nós!

Capítulo 3

A igreja nas casas

- 3.1. A Casa da Comunidade
- 3.2. Comunidade de comunidades
 - 3.2.1: Pilar da Palavra – Iniciação à Vida Cristã e Animação Bíblica
 - 3.2.2: Pilar do Pão - Liturgia e espiritualidade
 - 3.2.3: Pilar da Caridade - Serviço à vida plena
 - 3.2.4: Pilar da Ação Missionária: estado permanente
- 3.3. Rumo à Casa da Santíssima Trindade

Capítulo 4

A igreja em missão

O empenho por constituir comunidades cristãs maduras na fé deve, portanto, ser a meta das dioceses, paróquias, CEBs, comunidades novas, movimentos, associações, serviços e famílias.

- 4.1. A Comunidade-Casa
 - 4.1.1. Casa: espaço do encontro
 - 4.1.2. Casa: lugar da ternura
 - 4.1.3. Casa: lugar das famílias
 - 4.1.4. Casa: lugar de portas sempre abertas
- 4.2. Os pilares da comunidade

4.2.1 Pilar da Palavra: animação bíblica e iniciação à vida cristã

4.2.2 Pilar do Pão: liturgia e espiritualidade

4.2.3 Pilar da caridade: a serviço da vida

4.2.4 Pilar da Missão: estado permanente

Os bispos apresentam ainda pistas concretas sobre cada pilar, na tentativa de tornar as DGAE aplicáveis em cada realidade local.

Encaminhamentos práticos para cada pilar da casa-comunidade eclesial missionária

4.2.1 Pilar da Palavra: animação bíblica e iniciação à vida cristã

Assumir o caminho de iniciação à vida cristã

Revisar o dinamismo das comunidades eclesiais missionárias

Incentivar iniciativas ecumênicas de encontros fraternos e de formação bíblica

Universalizar o acesso à Sagrada Escritura

Priorizar pequenas comunidades eclesiais

Difundir essas comunidades eclesiais

Assumir a leitura orante da Palavra como o método por excelência

Implantar centros de estudo sobre a Palavra de Deus

Utilizar o potencial das redes sociais

4.2.2 Pilar do Pão: liturgia e espiritualidade

A liturgia é o coração da comunidade.

Incentivar a criação da pastoral litúrgica; valorizar o ministério da celebração da Palavra de Deus; cuidar da qualidade da música litúrgica.

É necessário promover uma liturgia essencial, que não sucumba aos extremos do subjetivismo emotivo nem tampouco da frieza e da rigidez rubricista e ritualística.

É necessário evitar a separação entre culto e misericórdia, liturgia e ética, celebração e serviço aos irmãos.

Resgatar a centralidade do domingo como Dia do Senhor por meio da participação na Missa Dominical ou, faltando essa, na Celebração da Palavra.

Onde efetivamente não for possível celebrar a Eucaristia, realizam-se celebrações da Palavra de Deus.

Incentivar a piedade popular; Valorizar o canto litúrgico.

Respeitar o ano litúrgico nas suas especificidades, tanto no conteúdo quanto na forma; Zelar pela qualidade da homilia.

Reconhecer que o trabalho dos meios de comunicação social de inspiração católica é um dom de Deus para a Igreja no Brasil.

4.2.3 Pilar da caridade: a serviço da vida

Promover a solidariedade com os sofredores nas cidades.

Priorizar as ações com as famílias e com os jovens, como resposta concreta aos sínodos da família (2014 e 2015) e da juventude (2018).

Aguçar a atenção às inúmeras e novas formas de sofrimento e exclusão

Integrar o contato com a Palavra de Deus.

Desenvolver grupos de apoio às vítimas dos desumanos atos e processos de violência nas suas mais variadas formas, bem como todos os atentados contra a vida.

Encorajar o laicato a continuar o empenho apostólico, inspirado na Doutrina Social da Igreja, pela transformação da realidade a partir do engajamento consciente em todas as realidades temporais: política partidária, pastorais sociais, mundo da educação, conselhos de direitos, elaboração e acompanhamento de políticas públicas, o cuidado da natureza e todo o planeta,

Continuar apoiando a organização do conselho do laicato nos níveis nacional, regional e local.

Contribuir para o resgate do espaço público da cidade como ágora e foro, lugar de encontro, convivência, deliberação e inclusão dos “não cidadãos”, “meios cidadãos” ou “resíduos urbanos”, de modo que se garanta para todos o direito de ser cidade.

Inserir na lista de prioridades das comunidades de fé o cuidado para com a Casa Comum, implantar a Pastoral da Ecologia, sob a égide da Ecologia Integral, que comporte um novo modo de estar e viver no mundo.

Apoiar e incentivar as pastorais da mobilidade humana em todas as esferas da Igreja.

Assumir como prioridade a promoção da paz com a superação da violência em todas as suas formas. Não ao armamento.

Ser a voz dos que clamam por vida digna: Terra, trabalho e teto são as três palavras chave, expressão das preocupações centrais do Papa Francisco com a situação dos excluídos do mundo contemporâneo.

Firmar e fortalecer, a partir da identidade cristã, as iniciativas de diálogo ecumênico e inter-religioso.

4.2.4 Pilar da Missão: estado permanente

Investir em comunidades que se auto compreendam como missionárias, em estado permanente de missão, indo além de uma pastoral de manutenção e se abrindo a uma autêntica conversão pastoral.

Acompanhar de perto a realidade urbana com a criação de observatórios ou organismos semelhantes que percebam os ritmos de vida das cidades, suas tendências e alterações.

Desenvolver os projetos de visitas missionárias a áreas e ambientes mais distanciados da vida da Igreja.

Favorecer a missão e a comunhão pastoral entre as Igrejas que atuam nas grandes metrópoles brasileiras.

Dinamizar ainda mais as ações *ad gentes* com o intercâmbio além-fronteiras de discípulos e o revigoramento da experiência das Igrejas-Irmãs.

Considerar o investimento de tempo energia e recursos com os jovens uma prioridade pastoral histórica.

Formar acompanhadores de jovens, promover missões juvenis em vista da renovação de experiências de fé e de projetos vocacionais e abrir espaços para que os jovens criem novas formas de missão, por exemplo, nas redes sociais.

Investir na presença nos Meios de Comunicação Social, especialmente nas redes sociais.

Valorizar, urgentemente, como espaços missionários os hospitais, as escolas e as universidades, o mundo da cultura e das ciências, os presídios e outros lugares de detenção.

Priorizar a pessoa como objetivo da ação missionária. A Cultura do Encontro deve

ser o pano de fundo para a missão permanente.

Implantar e aperfeiçoar os Conselhos Missionários em todos os níveis (paróquia, diocese e regional) deve ser uma meta perseguida por toda a Igreja no Brasil.

Promover as Pontifícias Obras Missionárias

Acolher e concretizar as prioridades e projetos do Programa Missionário Nacional: formação, animação missionária, missão *ad gentes* e compromisso social e profético.

Olhar a Amazônia como um dom de Deus e, por isso mesmo, como uma responsabilidade para todos os brasileiros, mais imediata para os que lá se encontram, na certeza, porém, de que somos todos corresponsáveis.

Valorizar a dimensão mariana e outras formas de piedade popular na evangelização e missionariedade da Igreja.

Conclusão: aqui está expressa a grande preocupação da CNBB, a operacionalidade das DGAE da parte das Dioceses do Brasil.

Estas Diretrizes foram elaboradas para ajudar a Igreja no Brasil a responder aos desafios evangelizadores num mundo e num país cada vez mais urbanos.

Como resposta inculturada a esses desafios, as Diretrizes destacam de modo central a importância das *comunidades eclesiais missionárias*, com a imagem da casa, sustentada sobre pilares.

Essas Diretrizes precisarão inspirar a formação, o planejamento e as práticas de todas as instâncias eclesiais: comissões pastorais da Conferência Episcopal, Regionais, Igrejas particulares, paróquias, seminários, pastorais, comunidades ambientais, movimentos, associações, novas comunidades, organismos, universidades e escolas católicas, meios de comunicação eclesiais, entre outros.

Assim, cada Igreja particular elaborará seu Plano de Pastoral. Também as paróquias e as diversas comunidades são chamadas a fazê-lo.

Observações críticas

1. Quanto ao objetivo geral, já faz tempo que a CNBB abandonou seu tom mais profético:

1979	2008
Evangelizar a sociedade brasileira em transformação, a partir da opção pelos pobres, pela libertação integral do homem, numa crescente participação e comunhão, visando à construção de uma sociedade fraterna, anunciando assim o Reino definitivo.	Evangelizar, a partir do encontro com Jesus Cristo, como discípulos missionários, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres promovendo a dignidade da pessoa, renovando a comunidade, participando da construção de uma sociedade fraterna, “para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

2011	2019
Evangelizar, a partir de Jesus Cristo, na força do Espírito Santo como Igreja discípula, missionária e profética, alimentada pela Palavra de Deus e pela Eucaristia, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres para que todos tenham vida (cf. Jo 10,10) rumo ao Reino definitivo	EVANGELIZAR no Brasil cada vez mais urbano, pelo anúncio da Palavra de Deus, formando discípulos e discípulas de Jesus Cristo, em <i>comunidades eclesiais missionárias</i> , à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, cuidando da Casa Comum e testemunhando o Reino de Deus rumo à plenitude.

Os pobres no fim. Já faz tempo que o missiólogo Paulo Suess chama a atenção para o abandono do tom mais profético das DGAE. **É impressionante que algumas de suas observações continuam atuais, frente a edição mais recente das Diretrizes. Vou me servir de algumas notas do Suess, mas vou levar em conta as Diretrizes de 2019 a 2023.**

A continuidade das DGAE está na evangelização, na opção pelos pobres e no anúncio do Reino de Deus e da Vida. As mudanças significativas que se percebem nos Objetivos gerais de 2011 em diante se encontram em seu cunho nitidamente introvertido. A Igreja das Diretrizes gira em torno de si mesma e perdeu, aparentemente, o horizonte da “libertação integral do homem” (1979) e da “construção de uma sociedade justa e solidária” (2008) de outros tempos. As palavras-chave, na ordem das Diretrizes de 2019 são: evangelizar, Brasil urbano, Palavra de Deus, discípulos de Jesus Cristo, comunidades eclesiais missionárias, a opção preferencial pelos pobres, casa comum e Reino de Deus.

Há uma divergência sobre o ponto de partida para a evangelização: evangelizar “a partir da opção pelos pobres” (1979) ou evangelizar “a partir de Jesus Cristo” (2011 e 2015) agora a partir do mundo urbano (2019).

O mundo urbano é lido a partir da chave fenomenológica cultural, onde os verdadeiros conflitos são descritos, porém falta uma visão mais estrutural, onde eles apareçam como consequência do modelo econômico excludente.

Evangelizar a partir da realidade social ou da revelação e doutrina? O “a partir de” pode apontar para um ponto de partida geográfico-social (“a partir do lugar dos pobres”) ou para uma fonte doutrinal (“a partir de Jesus Cristo”). Não devemos confundir “lugar” com “fonte”. Para definir o uso da fonte doutrinal, precisa-se dizer antes a partir de que lugar sociogeográfico se faz uso daquela fonte. A fonte é um instrumento a serviço da causa dos pobres. “Fonte” e “lugar” apontam para níveis diferentes.

Desde o Plano de Pastoral de Conjunto (1966-70), a pastoral no Brasil, bem como a CNBB, se estruturou a partir dos documentos fundamentais do Concílio Vaticano II, conferindo uma racionalidade bastante razoável à caminhada eclesial. As seis linhas, como eram chamadas, se serviam das orientações da *Lumen Gentium*, *Ad Gentes*, *Dei Verbum*, *Sacro-sanctum Concilium*, *Unitatis Redintegratio* e *Gaudium et Spes*. De 1975 a 1994, as DGAE assim se organizavam.

Em 1995, no afã de dar mais dinamismo à ação evangelizadora, as seis linhas foram reagrupadas em torno das exigências da evangelização: Serviço, Anúncio, Diálogo e Testemunho da Comunhão.

Em 2011, sob a inspiração do documento de Aparecida, que visava dar um cunho mais missionário à ação eclesial, as DGAE passaram a contemplar as cinco urgências: estado permanente de missão, iniciação à vida cristã, animação bíblica da vida e da pastoral, comunidade de comunidades e serviço à vida plena para todos.

Em 2019, a proposta é utilizar a metáfora da casa, no contexto urbano, e quatro pilares: Palavra, Pão, Caridade e Missão.

Críticas rápidas

1. Desde que a CNBB perdeu o rumo e a profecia, ela não conseguiu mais empolgar as Igrejas Locais, para a elaboração de seus planos.

2. Quando ela seguia o método indutivo (ver, julgar e agir), ela sabia de onde partia e para onde ia.

3. Sob os efeitos da perspectiva dos dois pontífices anteriores a Francisco, a CNBB começou com essa perspectiva de “a partir da doutrina” e não mais da realidade; como que partindo de uma verdade a ser anunciada, independente da realidade a ser evangelizada.

4. Agora, elegeram a perspectiva urbana como ponto de partida, mas numa leitura fenomenológica “culturalista”, porque têm medo do viés mais sistêmico, mais próximo do viés marxista.

5. Pobre leitura da cidade, sempre com chavões (consumismo, individualismo, relativismo, pluralismo), sem dizer com clareza que a cidade no contexto capitalista e neoliberal sempre está preocupada em privilegiar as classes mais abastadas, empurrando os pobres para as encostas e lugares propícios para enchentes.

6. Nem ao menos as lógicas da cidade (na perspectiva do Libânio) foram levadas em conta. Com elas, teríamos uma visão mais estrutural da cidade.

7. Se adotassem a epistemologia da TdL, teriam o olhar dos pobres para ver a cidade e perceberiam que lazer, transporte, saneamento e outras esferas não são consideradas quando se trata de bairros periféricos, onde moram os descartáveis (como atesta o Papa Francisco).

8. São citadas com propriedade as situações de deterioro que vive o povo, sobretudo nas grandes cidades, mas de uma maneira fenomenológica e não estrutural. Pois se assim fosse, teriam que deixar claro que tais situações são frutos da opção pelo modelo neoliberal capitalista. Se tivessem se servido da Exortação Pós-Sinodal “Ecclesia in América”, teriam retornado à perspectiva mais profética, denunciando a verdadeira raiz das desigualdades sociais tão explícitas nas cidades: visão economicista. “Domina cada vez mais, em muitos Países americanos, um sistema conhecido como « neo-liberalismo »; sistema este que, apoiado numa concepção economicista do homem, considera o lucro e as leis de mercado como parâmetros absolutos a prejuízo da dignidade e do respeito da pessoa e do povo.” Ecclesia in America, 56).

9. A ordem dos quatro pilares (Palavra, Pão, Caridade e Missão) também mostra que a realidade vem depois. Poder-se-ia começar com a caridade, pois a Igreja existe para servir. Tudo o mais é consequência.

10. Muito texto para justificar aqui e acolá as opções feitas, mas poder-se-ia reduzir pela metade, com indicações mais proféticas e contundentes.

11. A CNBB continua sem rumo, sem profecia... a linha cultural/fenomenológica, com medo da perspectiva marxista, não permite uma leitura mais sistêmica da realidade.

12. É possível perceber nas entrelinhas a antiga profecia, um tanto tímida e acanhada.

13. Aguardemos o desafiante exercício da nova presidência, em tempos de fortes polarizações.